

JAPONESES E EUROPEUS E SUAS MANEIRAS DE CURAR O CORPO VISTO POR UM JESUITA DO SÉCULO XVI*

ISMAEL C. VIEIRA**

Resumo: O século XVI foi para os portugueses um período de viagens e contacto com povos e culturas desconhecidas. Pouco antes de meados do século os marinheiros portugueses descobriram a mítica ilha do Japão, com a qual estabeleceram relações comerciais, culturais e religiosas. Entre os religiosos enviados para evangelizar os japoneses encontrava-se o jesuíta Luís Fróis, que deixou um importante Tratado onde comparava as diferenças civilizacionais entre os Europeus e os Japoneses de Quinhentos.

O presente artigo pretende fazer uma análise comparativa e crítica em torno dos costumes, hábitos e práticas médicas entre os Europeus e Japoneses do século XVI, testemunhados por Luís Fróis, de modo a perceber como os portugueses viam e compreendiam esse «outro» exótico. Para compreender este tema utilizaremos a principal fonte existente que é o próprio Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão (1585) da autoria do Padre Luís Fróis.

Palavras-chave: Europa; Japão; Sociedade; Cultura; Medicina.

Abstract: For the Portuguese the 16th century was a period of travels and contacts with unknown people and cultures. Shortly before mid-century, Portuguese sailors discovered the mythical island of Japan, with which they established trade, cultural and religious relations. Between the religious priests sent to evangelize the Japanese was the Jesuit Luís Fróis, who left an important Treaty where he compared the civilizational differences between Europeans and Japanese at the 16th century.

This article aims at a comparative and critical analysis of the the customs, habits and medical practices among Europeans and Japanese at the sixteenth century, witnessed by Luís Fróis, in order to understand how the Portuguese saw and understood the exoticism of this «other». To understand this issue we will use the main source available, which is the «Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão (1585)» by Father Luís Fróis.

Keywords: Europe, Japan, Society, Culture; Medicine.

INTRODUÇÃO

A ilha de Cipango (Japão) era para os europeus dos finais da Idade Média um lugar mítico situado no outro lado do planeta. As únicas informações existentes dessa terra tão misteriosa quanto longínqua tinham sido fornecidas por Marco Polo no século XIII.

Com a partilha do globo entre Portugal e Castela através do Tratado de Tordesilhas de 1494, os portugueses passaram a estar legitimados para explorar novos territórios na Ásia. Entre os vários territórios cobiçados estava a ilha de Cipango, onde se acreditava haver ouro e outras preciosidades de grande valor. A descoberta do Japão pelos portugueses veio a acontecer cerca de sessenta anos depois do Tratado de Tordesilhas, sendo

* Este artigo resulta de uma adaptação e acrescentos do trabalho final apresentado para a conclusão do Curso de Especialização em Ensino da História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2008.

** CITCEM/CEIS20 – ivieira@letras.up.pt.

1543 o ano mais provável da descoberta, iniciando-se deste modo a idade moderna do Japão com a abertura do país aos povos europeus¹.

A chegada dos primeiros portugueses ao Japão permitiu o estabelecimento de relações comerciais e culturais, constituindo ainda uma oportunidade singular para os padres cristãos expandirem a fé católica no outro lado do globo. Do contacto entre portugueses e japoneses surgiu a necessidade de melhor compreender o outro na sua alteridade. Após os primeiros contactos rapidamente surgiram os primeiros escritos sobre o Japão e os japoneses em língua portuguesa. Esses escritos pretendiam a maior parte das vezes descrever as condições geográficas da ilha, a meteorologia, a fauna, a flora mas também os aspetos humanos como a cultura, a política interna, a gastronomia, etc. Daí resultaram vários escritos, sob a forma de epístolas², mas igualmente versões mais completas em forma de tratados.

Este artigo serve-se dum desses tratados escrito por um jesuíta português do século XVI, o padre Luís Fróis, que cresceu no Oriente e que passou uma parte substancial da sua vida no Japão. Por simpatia pessoal ou por obrigação das suas funções concebeu uma obra literária que permite conhecer aspetos sobre os costumes, tradições e formas de curar no Japão feudal por comparação com a realidade europeia da altura.

Neste artigo fomos ao encontro dos aspetos mais marcantes das duas civilizações seguindo uma metodologia de comparação comentada do conteúdo do *Tratado* de Luís Fróis. Em muitas ocasiões o texto é pouco esclarecedor, sobretudo acerca dos aspetos ligados aos japoneses, o que dificulta a construção da narrativa histórica por limitações do «código» que permite decifrar o conteúdo latente das diversas realidades descritas. Por isso além de referenciais históricos numa linha de Fernand Braudel em «Gramática das Civilizações» e Jean Poirier na sua «História dos Costumes», socorremo-nos concomitantemente de referenciais mais sociológicos que podem ser encontrados numa linha de Norbert Elias em «O Processo Civilizador».

Todavia, o intuito deste artigo não passa pela construção duma narrativa densa e complexa em torno dos processos civilizacionais, mas sim por compreender as diferenças de costumes e hábitos dos japoneses e europeus na maneira como entendem e apresentam o corpo (saudável) mas também o seu contrário, isto é como tratam do corpo doente. Assim analisaremos igualmente as diferenças entre práticas médicas orientais e ocidentais no século XVI através do olhar dum jesuíta europeu.

1. LUÍS FRÓIS E O SEU TRATADO

A fonte que pretendemos usar no nosso trabalho, o *Tratado*³ de Luís Fróis, apresenta-se como uma comparação entre dois mundos distintos e influenciados por civilizações que

¹ NORTON, 1952: 11.

² Veja-se por exemplo a coleção de *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Japão & China aos da mesma Companhia da Índia, & Europa, des do anno de 1549 até o de 1580*. Edição fac-similada da edição de Évora, 1598, apes. José Manuel Garcia. Maia: Castoliva Editora, 1997.

³ FRÓIS, 2001.

em muitos aspetos se contrapõem. O seu autor, um jesuíta do século XVI, deslocado em missão para terras nipónicas, observou uma série de aspetos civilizacionais que passou a escrito. Essa capacidade de observação e registo são sem dúvida curiosos, tal como o homem que esteve na sua origem. Esboçaremos aqui alguns apontamentos sobre a vida e obra de Luís Fróis, com a finalidade de melhor poder interpretar a fonte estudada.

Luís Fróis nasceu em Lisboa no ano de 1532. A sua breve vida na metrópole desenrolou-se num ambiente palaciano, muito próxima da Corte Real, uma vez que trabalhou na secretaria de D. João III, onde um parente seu exercia o cargo de escrivão da Fazenda⁴.

Em 1548, com somente dezasseis anos, deixou a sua função na secretaria régia e entrou para a Companhia de Jesus, recém-formada em 1540 por Inácio de Loiola, partindo para a Índia poucas semanas depois. O seu noviciado foi feito em terras do Oriente, entre Baçaim, Goa e Malaca, completando nesta última cidade a sua formação clerical, corria o ano de 1561.

Em Goa teve a oportunidade de contactar com o padre Francisco Xavier⁵, que missionava desde 1549 em paragens do Sudeste Asiático, mais propriamente no Japão⁶. Com Francisco Xavier estavam três japoneses, um deles, foragido à justiça local⁷. Estes homens e as suas descrições do Japão fizeram Fróis sonhar com aquela sociedade e cultura misteriosa. Em 1563 aportou em Yokoseura na ilha de Kyoshu, iniciando a aprendizagem da língua japonesa com o irmão João Fernandes⁸. Paralelamente aos estudos do idioma japonês, Luís Fróis interessou-se pelos mais diversos aspetos da cultura nipónica, procurando inteirar-se das práticas sociais, médicas, culturais e religiosas.

Ao longo da sua estada no Japão, o padre Fróis contactou com outros pregadores da Companhia de Jesus como o padre Gaspar Vilela⁹ e o padre Gnechi Organtino¹⁰. Viveu o intenso período de conturbações da política interna do Japão, com a ascensão dos xoguns Oda Nobunaga¹¹ e posteriormente Toyotomi Hideyoshi¹². Este último foi o ini-

⁴ FRÓIS, 1993: 19.

⁵ Trata-se de São Francisco Xavier (1506-1552), presbítero nascido no Reino de Navarra e cofundador da Companhia de Jesus. Foi missionário no padroado português do Oriente em especial na Índia e no Japão.

⁶ BOSCHI, 1998: 411.

⁷ Trata-se do célebre Paulo de Santa Fé Japão, cujo nome japonês era Anbsei Yajiro ou Anjirô, salvo por mercadores portugueses. Este japonês convertido à fé cristã revelou-se de extrema importância para os propósitos proselitistas dos inicianos, uma vez que partilhou todos os seus conhecimentos acerca dos costumes e quotidiano nipónico, tal como fazia descrições do país, da geografia, do clima, etc. Cf. NORTON, 1952: 17-19 e JANEIRA, 1988: 41.

⁸ FRÓIS, 2001: 20.

⁹ Gaspar Vilela (c. 1526-1572) foi um dos responsáveis pela primeira fase de expansão das missões jesuítas no Japão e do chamado método de adaptação cultural. Cf. RIBEIRO, 2007: 10.

¹⁰ Gnechi-Soldo Organtino (1532-1609) foi um missionário italiano da Companhia de Jesus, que missionou na Índia, Malaca e Japão. Foi responsável pela construção duma escola religiosa no Japão, bem como da construção de várias igrejas como em Kyoto e Azuchi.

¹¹ Oda Nobunaga (1534-1582) foi um terra-tenente feudal e xogum japonês. Através de ações políticas e militares pôs fim ao xogunato Ashikaga terminando com um longo período de guerras feudais e unificando o Japão sob a sua liderança. Teve uma ação importante na história da missionação jesuítica no Japão por ter permitido e incentivado a pregação do cristianismo entre os autóctones. Cf. EBISAWA, 2015.

¹² Toyotomi Hideyoshi (c.1536-1598) foi um senhor feudal japonês, conselheiro e ministro-chefe imperial que completou a unificação do Japão no século XVI começada por Oda Nobunaga. Cf. KUWATA, 2015.

ciador das perseguições aos cristãos, forçando-os a deslocarem-se para o sul do País¹³, onde os cristãos ainda eram relativamente bem aceites. Posteriormente viajou até a Macau na companhia do padre Valignano¹⁴, para quem trabalhou, e regressou ao Japão em 1595, falecendo dois anos depois, em Julho de 1597, pouco tempo depois do primeiro martírio de cristãos em Nagasáqui.

Luís Fróis foi considerado um dos autores europeus que mais escreveu sobre o Japão durante o século XVI. As suas numerosas obras, plenas de rigor descritivo, não têm paralelo no «Século Cristão do Japão», embora pesem vários outros autores como Alessandro Valignano e João Rodrigues Tçuzzo¹⁵.

A maior produção literária de Luís Fróis é sem dúvida o género epistolar. As cartas dirigidas aos congéneres europeus eram geralmente longas e bem documentadas. Entre 1552 e 1597, data da sua morte, contam-se cerca de 130 cartas, regra geral bastante longas¹⁶. À parte da epistolografia produziu várias obras de vulto, embora mal conhecidas no seu tempo. A maior é sem dúvida a *História de Japam* escrita ao longo de um decénio (1584-94), havendo contudo mais dois tratados escritos dignos de menção. Um diz respeito à embaixada de jovens samurais japoneses à Europa¹⁷ e o outro é um tratado que compara a civilização japonesa com a europeia. Este tratado constitui a fonte para o presente trabalho.

1.1. A FONTE

A chegada dos portugueses ao Japão permitiu aos europeus uma nova visão dos povos e costumes orientais. Os portugueses, por serem pioneiros, conseguiram efetivamente captar numa forma privilegiada os pormenores da fina e complexa cultura japonesa.

Todavia quem teve as melhores condições para captar e registar a realidade e as informações numa forma organizada foram os religiosos jesuítas, que incansavelmente redigiram extensas e pormenorizadas descrições sobre o país do sol nascente.

Entre as condições que permitiram aos jesuítas escrever relatos sobre o Japão destacam-se duas. Em primeiro lugar os membros da Companhia de Jesus tinham uma excelente preparação intelectual, o que fazia deles observadores e inquiridores exímios e, por

¹³ A 25 de Julho de 1587 o xogum Toyotomi Hideyoshi promulgou um decreto que determinava a expulsão dos jesuítas do Japão.

¹⁴ Alessandro Valignano (1539-1606) foi um jesuíta italiano que ajudou a introduzir o cristianismo no Extremo Oriente, em especial no Japão, embora tenha pregado e supervisionado algumas missões em Goa e Macau. No Japão converteu vários senhores feudais ao cristianismo e garantiu suporte financeiro das missões com uma taxa sobre o comércio da seda entre o Japão e Macau. Os padres orientados por Valignano passaram a trajar como os monges budistas (trajes cor de laranja) como forma de melhorar a adaptação cultural àquela civilização.

¹⁵ João Rodrigues Tçuzzo (c.1558-c.1634) foi um sacerdote e missionário jesuíta português no Japão. Foi linguista e intérprete e tornou-se no autor do primeiro dicionário de japonês-português e da primeira gramática da língua japonesa, a par da obra *História da Igreja no Japão*.

¹⁶ FRÓIS, 2001: 42.

¹⁷ Em 1582 os missionários organizaram uma embaixada composta por jovens samurais, acompanhados inicialmente pelo visitador Valignano, à Europa. Em Agosto de 1584 a embaixada chega a Portugal, visitando Lisboa, Évora e Vila Viçosa, passou depois por Madrid e foi recebida pelo papa Gregório XIII em Roma. Cf. BOSCHI, 1998: 413.

consequência, analistas sociais com elevada capacidade crítica. A segunda condição deve-se ao facto de que «os estatutos jesuítas obrigavam os padres e irmãos em serviço nas missões asiáticas a redigir de forma regular detalhados relatórios de atividades, nos quais deviam ser consignados não só dados relativos ao trabalho catequético, mas também informações pormenorizadas sobre as gentes e terras orientais»¹⁸. Foram estas as condições de partida que justificam o trabalho do padre Luís Fróis, ou seja, a sua preparação intelectual e uma inegável aculturação sofrida no oriente, visto que só viveu na Europa os primeiros dezasseis anos de vida, que levaram a produzir registos sistemáticos da realidade japonesa, a par de outras missões portuguesas na Ásia.

O sucesso da sua epistolografia granjeou-lhe vários apoiantes, como o historiador jesuíta Pietro Maffei, que sugeriu ao padre geral Everardo Mercuriano que Fróis devia escrever uma história da missão jesuítica no Japão¹⁹. Vários anos depois surgiria a sua *História de Japam* (concluída em Macau em 1594). Infelizmente o conhecimento expresso na *História de Japam* ficou condicionado devido ao superior da ordem, o padre Valignano, que de espírito menos aberto votou a obra ao esquecimento, embora a tivesse aproveitado para posteriores trabalhos. O *Tratado* que utilizaremos faz descrições e análises dos cenários físicos e humanos, onde eram contemplados os usos e costumes dos povos orientais, os aspetos sociais, religiosos, políticos, fauna, flora, medicina, etc. Sobre as características do *Tratado* faremos aqui menção a alguns factos sumários. Em primeiro lugar sabemos que o único exemplar do *Tratado* permaneceu desconhecido até 1946, quando o jesuíta Josef Franz Schütte o descobriu na *Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid*.

Do que há para dizer da sua estrutura externa, sabemos que é um pequeno volume com quarenta folhas de papel japonês, com as dimensões de 16x22 cm, e não menciona a autoria, mas foi imediatamente atribuído a Luís Fróis já que fazia menções explícitas no Apêndice à *História de Japam*²⁰, do mesmo autor. Aliás muitos dos capítulos do presente *Tratado* encontram-se na *História de Japam*.

No que diz respeito à sua estrutura interna, o *Tratado* de Luís Fróis encontra-se dividido em catorze capítulos, a saber:

Capítulo I – Do que toca aos homens em suas pessoas e vestidos.

Capítulo II – Do que toca às mulheres e de suas pessoas e costumes.

Capítulo III – Do que toca aos meninos e a seus costumes.

Capítulo IV – No que toca aos bonzos e a seus costumes.

Capítulo V – Dos templos, imagens e cousas que tocam ao culto de sua religião.

Capítulo VI – Do modo de comer e beber dos japões.

Capítulo VII – Das armas ofensivas e defensivas dos Japões – e da guerra.

Capítulo VIII – Do que toca aos cavalos.

Capítulo IX – Das doenças, médicos e mezinhas.

¹⁸ FRÓIS, 2001: 32.

¹⁹ FRÓIS, 1993: 24.

²⁰ Cf. FRÓIS, 1993: 27 e 43-45.

Capítulo X – Do escrever dos Japões e de seus livros, papel e tinta e cartas.

Capítulo XI – Das casas, fábricas, jardins e frutas.

Capítulo XII – Das embarcações e seus costumes e *dogus*.

Capítulo XIII – Dos autos, farsas, danças, cantar e instrumentos de música de Japão.

Capítulo XIV – De algumas cousas diversas e extraordinárias que não se podem bem reduzir aos capítulos precedentes.

Para a realização deste artigo fizemos uso de três capítulos, sendo eles o capítulo I, II e IX, pois são os que contêm a informação necessária para a concretização dos objetivos propostos. Os dois primeiros capítulos contêm informação relevante ao nível das características físicas e estéticas, dos costumes, hábitos e formas de ver os indivíduos de acordo com o género e papel social, implicando obviamente formas de ver e tratar o corpo saudável. Nestes capítulos são ainda dados alguns apontamentos comparativos sobre as práticas de saúde de europeus e japoneses. O capítulo IX trata em exclusivos de aspetos da medicina e terapêuticas daquele período e aqui é possível perceber as diferentes formas de tratar e curar o corpo doente. Com o estudo destes capítulos poderemos, por conseguinte, perceber como os japoneses e os europeus do século XVI viam e percebiam o corpo são e enfermo de acordo com a cultura, as tradições e a tecnologia médica do seu tempo.

Atendendo às características próprias da fonte, especialmente o desenvolvimento do texto de modo paralelo e comparativo, decidimos sistematizar as oposições encontradas em quadros comparativos que se encontram nos anexos deste trabalho.

2. OS HOMENS – SUAS CARACTERÍSTICAS E COSTUMES

O *Tratado* de Luís Fróis desenvolve-se com base numa análise comparativa paralela, isto é, o autor faz uma determinada observação sobre os europeus e seguidamente estabelece o paralelo com os japoneses. Por vezes tenta justificar as diferenças que existem para o leitor perceber melhor o seu ponto de vista.

As primeiras observações e constatações que o padre Fróis fez foram sobre as características físicas e estéticas entre homens europeus e japoneses, até porque as primeiras diferenças que são perceptíveis quando duas etnias se cruzam são as de índole física/morfológica. A primeira observação feita refere-se à estatura alta dos europeus quando comparada com os japoneses, mas também destaca os olhos grandes e brancos, narizes altos e aquilinos, contrastante com a descrição imediata que fez dos japoneses, mais baixos, com olhos mais fechados na zona lacrimal e com narizes baixos, como também a existência ou não de sardas entre os primeiros e os segundos (Quadro 1: 1-5, 8). Naturalmente estas comparações têm fundamentos biológicos ligados aos fenótipos humanos, comparando caucásicos com mongoloides. Fróis era sem dúvida um observador exímio, tal como fazia justificações bem fundamentadas do que dizia, o que contribuiu para dar ao seu trabalho contornos científicos. O padre Fróis era um verdadeiro antropólogo do tempo ao descrever diferenças físicas, intrinsecamente ligadas ao espaço e ao clima próprios da Ásia.

A estética masculina incitou-o também a uma série de comparações. Luís Fróis estava interessado em demonstrar o que os homens de ambas as culturas valorizavam como elementos exteriores da sua masculinidade. Os europeus punham o seu primor na barba, ao realçar uma característica sexual secundária como era a pilosidade facial²¹. Para os japoneses a importância não estava na barba, por motivos culturais, mas sim no touço, ou seja, na zona da nuca, onde ostentavam uma trança de cabelo sinal da maioria. Ligado à zona da cabeça, o jesuíta salienta o facto de os homens japoneses se pelarem com tenazes para não deixarem crescer cabelo, costume contrário ao dos europeus (Quadro 1: 6-7).

Dois outros aspetos ligados à estética são destacados. Diz Fróis que na Europa é má criação e sujo trazer unhas grandes, mas que no Japão quer homens quer mulheres usavam unhas grandes, «como gaviões». De facto podemos intuir que na Europa, onde se comia com as mãos, e Fróis afirma-o no ponto 6 do capítulo III, as unhas grandes poderiam trazer uma série de bactérias e sujidades que teriam sequelas na saúde, mas no Japão, onde comiam com os pauzinhos, as unhas não tinham essa conotação higiénica. Lembremos que é no Renascimento que surge o garfo, pois até aí só a faca e colher eram utilizadas nas refeições. O facto de Fróis não o referir pode querer dizer que ainda não se encontravam suficientemente divulgados. O segundo aspeto que foca é a cutilada no rosto, referindo-se às cicatrizes resultantes de um corte com arma branca. No Velho Continente era visto como uma disformidade, algo ligado provavelmente a meios sociais de baixo nível onde existiria também a criminalidade, embora no Japão o rosto cortado, ou melhor, a cicatriz por ele provocado, era valorizado socialmente por simbolizar muitas vezes o valor do homem no combate ou na guerra (Quadro 1: 10-11).

Os costumes e hábitos passaram igualmente pelo crivo do padre Fróis como um dos capítulos mais marcantes, não só pelo costume visto como o modo normal ou prática habitual de fazer as coisas em determinada cultura, mas sobretudo porque alguns costumes tinham um sentido espiritual ou mesmo terapêutico. É o que acontece por exemplo com a apresentação do rosto. Os europeus rapavam a barba e cabelo por razões que diziam respeito ao alívio de dores (luto) ou por ingressarem nalguma religião. Por outro lado os japoneses rapavam o cabelo em sinal de tristeza ou quando perdiam a graça do seu senhor. Contudo a trança do touço era cortada quando deixavam as coisas mundanas, passando a observar mais o espiritual, o que tem paralelo no desfazer da barba dos europeus (Quadro 1: 14-15).

Fróis observou vários pormenores como o dos japoneses de dobrarem a roupa da esquerda para a direita, e com o avesso para dentro, sendo o contrário na Europa. Por outro lado os europeus vestiam preto pelo luto ou dó e os japoneses o branco²² (Quadro 1: 16-18, 30).

²¹ A barba era valorizada sobretudo no decorrer do século XVI, uma vez que até ao primeiro decénio de quinhentos os homens usavam a cara rapada. Cf. SERRÃO & MARQUES, 1998: 632.

²² No entanto tenhamos em conta que o branco foi durante a Idade Média a cor de luto (resultante da cor esbranquiçada do burel), que ao longo do século XVI mudou para o preto e para tons de azul-escuro. Cf. SERRÃO & MARQUES, 1998: 632.

Alguns dados sobre etiqueta são apresentados ainda no capítulo I deste *Tratado*. Os modos dos japoneses eram estranhos aos olhos dos europeus do século XVI. Na Europa vivia-se no Antigo Regime, com uma sociedade hierarquizada e estratificada (formada segundo um modelo piramidal) em que a Nobreza tinha privilégios distintos do Terceiro Estado. Tendo vivido na Corte em Portugal durante a sua juventude, Luís Fróis estava mais do que habilitado para registar e comparar os modos de etiqueta. Por motivos de ordem cultural o Japão contrariava as regras de etiqueta da Europa. Assim, para um nobre europeu era um desprestígio que o seu criado estivesse sentado à sua beira. No Japão os criados deviam estar também sentados e não de pé. Um fidalgo na Europa não deveria ir descalço para falar com um príncipe, mas era respeitoso no Japão que assim se procedesse: diz o padre Fróis que é cortesia deixar-se os sapatos à porta, no Japão, o que estava de acordo com a própria configuração da casa japonesa cujo solo era revestido com *tatami* e por isso mais acolhedor e quente (mas também mais deteriorável) do que o chão em pedra, madeira ou terra batida usado na Europa (Quadro 1: 29, 36-37). Outro costume antagónico era o de cuspir. Na Europa era frequente e natural cuspir-se, mas no Japão não, sendo a prática mais comum engolir-se a saliva²³ (Quadro 1: 33).

A forma correta de saudar na Europa era com um joelho no chão, mas no Oriente fazia-se com ambos assim como com as mãos e cabeça no solo. Tirar o barrete como forma de cortesia era também um modo apreciável de demonstrar respeito (Quadro 1: 20, 38).

Ao nível das práticas de higiene, no que toca à lavagem corporal e de roupa é claro que ambas as sociedades tinham em conta as práticas mínimas, mas as diferenças viam-se em pormenores que refletem de alguma forma o cuidado e o pudor na relação com o corpo. Na Europa do século XVI, devido à vivência duma religiosidade cristã que desvalorizava o corporal em função do espiritual, o corpo²⁴ era visto como fonte de pecado ou origem do mesmo. Deste modo as práticas de higiene e lavagem corporal devia ser uma prática privada e íntima, longe do olhar do público e se possível na penumbra. Bem pelo contrário, os japoneses, alheios à religião cristã e afetos ao xintoísmo (religião autóctone que valoriza os elementos naturais), não mostravam nenhum pudor em banhar-se em banhos públicos (muito semelhantes aos banhos nas termas romanas), nem de o fazer em frente às suas habitações, como fica provado na descrição de Fróis: «Antre nós a gente lava o corpo em suas casas muito escondido», tal como «Nós pera lavar as mãos e o rosto arregaçamos os pulsos somente»²⁵ (Quadro 1: 38 e 53). Isto prova que existia uma inibição

²³ O cuspir era um comportamento que quase só existia no elemento masculino. A sociedade europeia do Antigo Regime estava de acordo em admiti-la, embora existisse um protocolo de conduta para esta situação. Lembre-se que o cuspir era também o corolário do mascar do tabaco (antes de ser fumado). Cuspir era assim um comportamento tido como natural sempre que respeitasse as conveniências estabelecidas. Não era de bons modos cuspir na roupa, na igreja ou para o lume, por exemplo. Cf. ELIAS, 1990: 158 *et seq.*; POIRIER, 2003b: 298-300.

²⁴ Aludimos aqui à visão da nudez, porque de facto em nenhuma sociedade a nudez integral foi considerada correta e polida. Mostrar o corpo em sociedade, sem restrições, não era de todo aceitável e mesmo as sociedades tradicionais, como algumas em África, permitem o nu feminino embora com adereços. Cf. POIRIER, 2003b: 293-294 e LE GOFF & TRUONG, 2005: 42-48.

²⁵ No que toca aos banhos quentes, no Japão têm o nome de *furo*, que é «uma verdadeira instituição nacional, de venerável antiguidade. Na maioria das casas japonesas existia uma sala com o seu *furo* [...] Este banho é tomado em família». Deste modo se prova que o banho não só era importante, como necessário para o convívio social e familiar. Cf. POIRIER, 2003a: 169-170.

clara na exposição do corpo, que deveria ser feita num ambiente privado ou mesmo íntimo. A isto junta-se uma crítica às vestes japonesas que no Verão permitiam ver quase tudo pela sua transparência, o que era mal visto na Europa, como assevera o autor (Quadro 1: 61).

Luís Fróis destacou ainda algumas ideias respeitantes à utilização de determinados objetos, que aqui apontaremos sucintamente. Um exemplo claro de crítica é a referência à utilização de espelhos por nobres japoneses enquanto se vestiam, o que no Velho Continente era visto como efeminado (Quadro 1: 46). Um outro comentário de Fróis era dirigido ao calçado utilizado para o tempo chuvoso, provando que quer em vestes, quer em calçado, os japoneses do século XVI já tinham um reportório amplo de roupa e calçado específico para a época do ano e apropriado às condições climáticas do seu país. Pelo contrário, os Europeus da época (e talvez mais especificamente os portugueses) não mostravam estar tão preparados ou pelo menos tão minuciosamente apetrechados com vestes e calçado específico para determinado acontecimento meteorológico. Um facto relacionado a este e que causa admiração é o facto dos japoneses, e contrariamente aos europeus, usarem somente calçado até metade do pé e deslocarem-se em pontas dos pés (Quadro 1: 47-48, 54, 59-60).

3. AS MULHERES – SUAS CARACTERÍSTICAS E COSTUMES

Após uma primeira análise sobre as características físicas, estéticas e costumes dos homens europeus e japoneses, concluímos que as diferenças apontadas revelam um certo antagonismo cultural. Este aspeto não se altera com a análise das mesmas temáticas para o caso feminino.

As mulheres do período do Renascimento não ocultaram a preocupação com a estética e a beleza. As preocupações estéticas centravam-se sobretudo no rosto e nos cabelos. Baltasar Castiglione defendia que a beleza deveria ser comedida²⁶ pois a graça da mulher estava no equilíbrio que conseguia pela utilização de cosméticos, já que o excesso deturpava a noção de beleza no século XVI.

Do que descreve Fróis podemos ver que nenhuma menção foi feita à estética do corpo em geral, apenas ao rosto e cabelos, se bem que ao nível das artes plásticas o nu ganhava uma posição destacada²⁷.

Fróis comparou uma série de diferenças entre o tratamento dos cabelos das mulheres. Na Europa as mulheres gostavam de usar os cabelos de tom louro enquanto as japonesas usavam a sua cor natural, o preto. Também era vulgar que as mulheres europeias ficassem com os cabelos brancos com o envelhecimento, mas o jesuíta diz que as mulheres idosas do Japão tinham os seus cabelos pretos porque os untavam com azeite. Na

²⁶ «Não vos apercebeis vós de que tem muito mais graça uma mulher que, embora se arranje, o faz tão parcamente e tão pouco, que quem a vê fica em dúvida se ela está ou não maquilhada, do que outra, muito empastada que parece ter posto uma máscara e não ousa rir-se para não a gretar...» Vide Baltasar Castiglione – *O Cortesão*, I, 40 (1513-1518). In ECO, 2005: 217.

²⁷ ECO, 2005: 193-199.

Europa o cabelo era aromatizado com cheiros enquanto no Japão, devido ao azeite, cheirava a gordura (Quadro 2: 2, 4 e 13).

No Japão as mulheres usavam por vezes cabeleiras vindas da China, ao passo que na Europa era raro usarem cabeleiras, pois na maior parte das vezes os cabelos estavam cobertos. É exatamente isso que verificamos no *Tratado*, quando Fróis relata o uso de toucados pelas europeias, ou de beatilhas e volantes, embora as japonesas andassem com a cabeça descoberta e cabelos soltos ou atados com papel, enquanto no Velho Continente se usava o nastro, isto é uma fita comprida de linho ou algodão. O comprimento dos cabelos variava nos dois lugares: as nobres da Europa usavam o cabelo comprido até ao fundo das costas, e as japonesas, uma vez que usavam várias cabeleiras, andavam com o cabelo a arrastar pelo chão (Quadro 2: 5-8).

Fróis fala também de outras preocupações nomeadamente da beleza do rosto. As europeias davam importância à alvura da testa usando preparados para tal efeito e, pelo contrário, as japonesas pintavam a testa com tinta preta. Mas há uma contradição nítida, se comparado com o que foi dito anteriormente, ao nível da utilização de cosméticos, uma vez que as japonesas usavam em demasia pó de arroz para parecerem brancas e as europeias menos do que estas (Quadro 2: 12 e 66). No que toca aos dentes era precisamente o contrário, já que as europeias se esforçavam por mantê-los o mais branco possível e as japonesas escureciam-nos com um preparado de ferro e vinagre de modo a «fazerem a boca e os dentes pretos como [carvão(?)]» (Quadro 2: 16). Ao nível das sobrancelhas a prática comum na Europa era de arranjá-las, enquanto no Japão as tiravam com uma tenaz de modo a deixar um só pelo. Era hábito as mulheres da Europa furarem as orelhas e usarem arrecadas, mas no Japão não havia o costume de usarem pendente (Quadro 2: 11-14).

Relativamente aos costumes das mulheres, Luís Fróis começa por fazer menção à forma das mulheres se comportarem perante os homens. Fróis dizia que na Europa quase sempre os homens iam à frente das mulheres, mas no Japão a mulher ia frequentemente à frente do homem, fosse marido, pai ou tutor. Refere ainda que as japonesas dispunham de uma maior liberdade em relação às europeias ao ponto de «irem por onde quiserem, sem os maridos o saberem», o que na Europa do tempo era muito mal visto, quer pela sociedade, quer pela igreja que durante a Reforma endureceu a posições em relação às liberdades individuais. A julgar pela veracidade das palavras de Fróis, a mulher japonesa podia ausentar-se de casa por vários dias, sem dar conhecimento à família, o que ia contra os ditames do comportamento tido como íntegro na Europa (Quadro 2: 29 e 34-35). Na Europa quinhentista era comum as cartas endereçadas a mulheres serem assinadas pelo homem que escrevia, embora no Japão não fosse subscrita, nem continha qualquer sinal (Quadro 2: 46).

No que toca a algumas funções domésticas, como era a preparação das refeições, continuava a ser uma função primordialmente feminina (da dona de casa), mas no País do Sol Nascente os homens também tratavam das refeições, e Fróis enfatiza que os fidalgos punham nessa tarefa primor máximo, embora se possa dizer que na Europa, sobretudo em meios cortesãos, existiam também homens chefes de cozinha (Quadro 2: 51).

Se quisermos falar ainda de ofícios, encontramos mais uma contradição, pois no Japão os alfaiates²⁸ não eram os homens mas as mulheres. De qualquer forma, o vestuário japonês do século XVI era unissexo, por isso a confecção de vestuário independentemente de ser para homem ou mulher, era, como constatamos através da descrição de Fróis, feito por mulheres.

Luís Fróis regista ainda alguns dados pitorescos como por exemplo: os homens na Europa comiam em mesas altas e as mulheres em baixas, mas no Japão era o contrário, embora nós desconhecamos o alcance desta informação (Quadro 2: 52).

Uma série de outras informações não menos espantosas são-nos relatadas, como o facto de as mulheres japonesas saberem escrever, o que não era muito usual na Europa²⁹, mas também o facto de as mulheres beberem vinho e ficarem embriagadas, ou o mero destapar da cabeça quando falam com pessoas, mostrando uma maior abertura nas relações sociais do que as europeias.

Fazia parte dos costumes das mulheres a utilização de adornos ou acessórios no seu dia a dia. Sabemos que as mulheres europeias usavam um cingidouro (cinto) apertado, porque permitia em termos estéticos fazer sobressair a silhueta e provavelmente dar uma aparência mais esguia. Pelo contrário, as japonesas usavam a maior parte das vezes cintos largos (Quadro 2: 21). Para cavalgar, as mulheres do Japão usavam um lençol branco em cima do cavalo e as europeias uma almofada e para caminharem sem serem reconhecidas as mulheres da Europa usavam o rebuço (Quadro 2: 49-50), isto é, o carapuço das capas, e as japonesas, toalhas.

No que toca aos cabelos, as mulheres europeias amarravam os seus cabelos com fitas de seda³⁰ e as japonesas com um lenço. Por seu turno, era frequente as japonesas raparem os cabelos quando se viam na condição de viúvas ou em sinal de tristeza, já as europeias os mantinham até à morte (Quadro 2: 62 e 65).

O código de etiqueta também é afluído pelo padre Fróis dizendo por exemplo que na Europa a mulher recebia os hóspedes levantando-se da mesa, mas no Japão a mulher permanecia sentada. No Japão, para beber, devia-se pegar no copo com a mão esquerda e beber com a direita, coisa que entre as europeias não teria significado algum (Quadro 2: 52). Na Europa cristã o nome das mulheres era inspirado nos nomes das santas e, no Japão, nos objetos vulgares: «Os nomes das Japoas são: tacho, grou, cágado, alparca, chá, cana» (Quadro 2: 47).

²⁸ Sobre a atividade dos alfaiates portugueses no século XV e XVI veja-se OLIVEIRA, 1993: 14-15.

²⁹ Devemos dizer que no século XVI foram criadas várias escolas femininas, por exemplo a de Alcála de Henares (a primeira cidade da Europa a ter uma escola feminina), seguida da fundação em Avinhão duma escola semelhante pelas Ursulinas (1574). Apesar de tudo, no século XVI havia mais mulheres cultas do que em qualquer uma das épocas anteriores, segundo nos diz Jean Delumeau. Não obstante, os exemplos de mulheres cultas que Delumeau dá são as mulheres ligadas à nobreza e família real, o que significa que a esmagadora maioria das mulheres do Antigo Regime ficam de fora destes parâmetros de educação. Cf. DELUMEAU, 1994: 88.

³⁰ A mulher europeia raramente usou o cabelo solto, excetuando as jovens, que tinham tranças de cabelo solto, assim como as infantas e algumas mulheres da Corte, mas o normal era usarem, para cobrir o cabelo, toucas, toucados e coifas. Numa aceção religiosa, note-se que S. Paulo exortava a que as mulheres, especialmente casadas, cobrissem a cabeça porque era uma vergonha para a sua condição andar de cabeça descoberta, tanto mais que elas não eram a glória de Deus, mas do Homem, pois Eva provinha de Adão e este de Deus. Deste modo a mulher só devia descobrir a cabeça perante o marido (I Coríntios, XI, 3-15). Cf. OLIVEIRA, 1993: 20-21 e SERRÃO & MARQUES, 1998: 629.

4. TRATAR E CURAR O CORPO

Os capítulos iniciais do *Tratado* de Fróis, particularmente os que tratam das matérias respeitantes aos homens e mulheres, dão-nos uma visão genérica das principais diferenças de como em ambas as culturas se tratava, embelezava e vestia o corpo (saudável). Para ter uma visão mais completa de como «nós» e os «outros» encarávamos o corpo é necessário observar e analisar também os elementos disponíveis reveladores de como se tratava o corpo doente. Embora os aspetos médicos e terapêuticos não fossem o fulcro da preocupação de Luís Fróis, este dá-nos elementos que permitem comparar as duas realidades – a ocidental e a oriental.

Fróis identificou algumas doenças frequentes na Europa do seu tempo, dizendo que eram raras no Japão: tratava-se da «dor de pedra, podagra e peste» (Quadro 3: 1). A «dor de pedra», podemos conotá-la com os cálculos das vias urinárias, ou seja, massas duras como pedra formadas pelo processo de urolitíase (renal ou vesical), padecendo o doente de sintomas como dor, hemorragia, obstrução do fluxo de urina ou infeção. A sua frequência entre os europeus poderá ter a ver com questões de constituição orgânica, de alimentação/metabolismo, e sem esquecer a questão do baixo consumo de água. A água não era a bebida preferida na Europa, até porque a ela estavam associadas doenças infecciosas como o tifo e a cólera, preferindo-se o consumo de outras bebidas como o vinho, a cerveja, o hidromel, etc.

Fróis fez ainda menção à podagra, mais conhecida por gota. A gota era uma doença comum e antiga nos países europeus e caracterizava-se pela acumulação de cristais de urato monossódico (sal derivado do ácido úrico) sobretudo nas articulações, tecidos moles e rins. Em mais de 50% do casos de gota aguda, a zona do corpo mais afetada era o dedo grande do pé e por isso a designação de podagra estar associada à manifestação da doença sobretudo nos pés. À semelhança dos cálculos renais, a gota estava ligada à produção de ácido úrico, que tinha como causas prováveis o consumo excessivo de carne vermelha e carne de caça, vísceras, marisco e bebidas alcoólicas como vinho e cerveja. No Japão, o tipo de alimentação era bastante diferente da Europa, assente num regime mais vegetariano, onde o arroz tinha destaque, como aliás em toda a Ásia. Como dizia Fernand Braudel³¹, a Ásia era a civilização do vegetal. Além disso, entre as bebidas preferidas estava o chá, com todas as propriedades benéficas que hoje lhe são reconhecidas e que certamente contribuíam para prevenir as doenças acima identificadas.

A outra doença mencionada é a peste, mais especificamente a peste bubónica ou negra. De facto era uma doença recorrente na Europa desde a Alta Idade Média, registando uma vaga de surtos desde o século VI e, ora tendo origem nas cidades norte africanas, ora na Ásia, acabaram por atingir a Europa. Os vários surtos epidémicos duraram quase até ao século VIII, em ciclos de doze anos, sendo que se instalava por dois ou três anos em cada região até migrar para outra³². Mas a grande calamidade veio no século XIV quando a peste negra se fez sentir desde meados desse século. Com origem na Ásia

³¹ BRAUDEL: 1989.

³² SOURNIA & RUFFIE, 1985: 79-83.

Central, veio trazida pelas rotas caravaneiras que passavam pelo norte do Mar Cáspio até ao Mar Negro na zona da Crimeia que era então controlada pelos genoveses. Os marinhos genoveses, por sua vez, transportaram a peste até aos portos do Mediterrâneo. Depois de Génova ter negado a sua entrada, aportaram em Marselha e daí espalhou-se por toda a Europa, de Lisboa a Moscovo. A peste negra ou bubónica, provocada pelo bacilo de Yersin, era transportada pela pulga do rato e transmitia-se aos humanos pela picadela da pulga ou pela inalação de gotículas bacilíferas provenientes do espirro ou tosse dum doente infetado. A doença disseminou-se sobretudo nas cidades, onde a densidade populacional era maior e conseqüentemente o contágio se fazia de forma massiva e acelerada.

No entanto a Ásia também conheceu importantes epidemias de peste negra nomeadamente na região dos Himalaias (um dos principais focos) e na Mongólia. Os registos chineses do século XIV mostram que a doença também se expandiu um pouco por toda a China³³. O Japão terá beneficiado da sua posição geográfica insular bem como da política dos governantes japoneses que votaram o Japão a um isolamento quase completo até ao século XIX, e por isso a doença não teve aí grandes repercussões sanitárias ou sociais.

Luís Fróis fala ainda duma terceira doença, mas para comparar a atitude moral em relação a ela. Diz ele: «Antre nós adoecer um homem de uma mula sempre é cousa suja e vergonhosa/ Os japões homens e mulheres o têm por cousa corrente e nada se pejam disso» (Quadro 3: 19). A expressão «mula» foi aqui empregue como sinónimo de bobão sífilítico. A sífilis é uma doença provocada pela espiroqueta *Treponema pallium*, transmissível sobretudo por contacto sexual, embora também possa ser transmitida congenitamente. A sua origem geográfica continua a ser dúbia uma vez que existem duas teses sobre o assunto³⁴. A tese americanista, mais conhecida e aceite, defende que a doença era originária do Novo Mundo e propagou-se dali até à Europa através dos descobridores infetados. A tese europeísta considerava que já existia a sífilis na Europa, sob forma duma trepanomatose endémica pouco ativa, que veio a aumentar a virulência depois do contacto com os germes americanos.

Há que acrescentar ainda que Sournia e Ruffie consideram que esta doença era conhecida tanto na Eurásia como no Extremo Oriente nos séculos anteriores às descobertas europeias. A trepanomatose era conhecida entre o povo mongol e aino, sendo este último um grupo étnico originário das ilhas de Hokkaido no Japão³⁵. Não admira que a sífilis ou doenças similares e cuja etiologia se encontra na espiroqueta *treponema pallium endemicum*, como a pinta e a bejel, afetassem os povos asiáticos.

Importa destacar que no Japão a «mula» ou sífilis não tinha uma conotação moral, até porque o corpo e a sexualidade no Japão eram vistos como algo normal, isenta da noção de pecado judaico-cristão, ao contrário do que acontecia na Europa³⁶, onde a

³³ SOURNIA & RUFFIE, 1985: 86.

³⁴ PITA, 1998: 108-109.

³⁵ SOURNIA & RUFFIE, 1985: 162-163.

³⁶ Cf. ELIAS, 1990: 169-170.

doença estava visivelmente ligada ao sexo, particularmente ao sexo extraconjugal, e por conseguinte encaixava-se na ideia de que era um castigo de Deus pela depravação moral e dos bons costumes. Mas a visibilidade social e cultural da doença na Europa ficou-se também a dever a outros aspetos: do ponto de vista clínico manifestou-se de forma mais horrenda do que a lepra ou a peste por ser uma doença nova e desconhecida, pela profusão de sintomas, pela contagiosidade elevada e pelo sofrimento e morte que causava³⁷. Já no Japão o desconhecimento da sua origem bacteriana e a desvalorização moral da transmissão por via venérea terá contribuído para uma visão descentrada da etiologia moral da doença.

No *Tratado* são feitas duas referências que podemos categorizar como técnicas e métodos de diagnóstico. São elencados dois métodos: a medição da pulsação e a verificação da urina (Quadro 3: 6-7). Acerca do método de verificação da pulsação é-nos dito que na Europa a pulsação era verificada primeiro no braço direito e depois no esquerdo em ambos os sexos, e que no Japão aos homens se verificava o pulso no braço esquerdo e nas mulheres no braço direito. Este método diferenciado no Japão justifica-se pela ligação estrita aos princípios taoistas da medicina tradicional chinesa em uso no Japão. De acordo com a teoria do *yin-yang*, o princípio *yin* era símbolo da mulher, e estava ligado ao lado direito – daí a pulsação ser tomada primeiro no pulso direito – e o princípio *yang* era símbolo do homem e estava ligado ao lado esquerdo – por isso se verificava primeiro a pulsação no lado esquerdo³⁸. Mas na medicina tradicional chinesa existia a noção de que a saúde e a doença dependiam do equilíbrio do *yin-yang* e como tal o sopro vital podia ser posto em causa por um desequilíbrio desses elementos. Verificava-se o pulso – existiam catorze tipos de pulso na medicina chinesa³⁹ – não para conhecer a força e intensidade do coração (a medicina chinesa não se baseava na anatomia) mas sim para verificar se o sopro vital se mantinha de acordo com um ritmo determinado.

O outro método de diagnóstico consistia na verificação da urina como indicador de uma determinada patologia. É certo que estávamos longe dos exames laboratoriais aperfeiçoados no século XIX-XX, mas a partir do século XII na Europa passou-se a praticar a uroscopia⁴⁰, isto é, o exame das urinas como método de diagnosticar uma gravidez ou para saber se o doente era tísico ou sofria de outra patologia identificável pela cor, cheiro ou mesmo pelo sabor! No Japão as secreções corporais como o muco nasal, as urinas, as fezes ou o esperma também eram observadas como indicadores de estados associados a doenças, embora a verificação destas matérias pela medicina oriental fosse posterior ao século XVI e influenciada pelas práticas médicas ocidentais.

O *Tratado* explica ainda alguns aspetos sobre os tratamentos médicos mais empregues, a organização da farmácia e a formação dos médicos.

Quanto à questão terapêutica podemos dividi-la em duas categorias: as terapêuticas cirúrgicas e as terapêuticas pela alimentação. Acerca do tratamento por métodos consi-

37 QUÉTEL, 1990: 4.

38 SOURNIA, 1995: 140.

39 TUBIANA, 2000: 45-46.

40 LE GOFF & TRUONG, 2005: 98.

derados cirúrgicos, Fróis identificou desde logo as sangrias e os clisteres como dois tratamentos muito comuns na Europa (Quadro 3: 2-4). Até pelo menos ao século XIX assistimos na Europa ao recurso constante dos clisteres, purgas e sangrias como forma terapêutica para expulsar os maus humores tidos como causa das doenças. A limpeza do organismo por meio anal, oral ou flebotômico estava de acordo com a linha predominante da teoria galénica e pretendia estabelecer o equilíbrio entre os quatro humores. No Japão era tradição usarem-se «botões de fogo», conhecidos como moxibustão, e que consistiam em colocar uma «moxa» – um pequeno cone de artemísia seco – em cima da pele e deixar arder sem chama. A finalidade era provocar uma ferida que servisse de porta de saída para o mal, e desta forma restabelecia-se o equilíbrio interno do organismo.

São-nos descritas ainda outras técnicas cirúrgicas que se mostram igualmente distintas entre as duas culturas (Quadro 3: 9-11 e 15). O tratamento dos apostemas ou abscessos na Europa era feito com a cauterização por meio de ferro em brasa, o que era rejeitado no Japão. Interessante é também o método de intervenção sobre as lacerações, já que na Europa eram suturadas com agulha e linha e que no Japão eram tratadas com papel grudado. Na Europa eram usados panos, provavelmente para a absorção do sangue, e no Japão era usado papel. Por último no campo odontológico a extração de dentes era feita na Europa com recurso a instrumentos cirúrgicos concebidos para o efeito, como o boticão, alçaprema e bicos de papagaio, mas no Japão eram usados instrumentos não específicos como o escopro e macete, o arco e flecha ou os troques do ferreiro, o que mostra algum atraso dos japoneses nesta área.

Atentemos agora à terapêutica alimentar. Falamos de terapêutica alimentar porque os alimentos eram tidos pela medicina da época como uma terapêutica específica, sendo que um determinado alimento de origem animal, vegetal ou mineral era indicado para uma patologia igualmente específica. Fróis diz somente que na Europa utilizava-se mais as galinhas e frangões como mezinha ou remédio popular, o que era considerado venenoso pelos japoneses e por isso estes preferiam uma dieta baseada no peixe e rábano salgado. O padre jesuíta explicou ainda que os japoneses não forçavam os doentes e especialmente os moribundos a comer por respeito à sua condição, mas que os europeus insistiam para que assim fosse tentando mantê-los vivos a todo o custo (Quadro 3: 12 e 14).

No que à farmácia diz respeito as informações são escassas. Pela descrição que o padre Fróis faz ficamos a saber que os japoneses usavam as pérolas para fazer remédios, ao invés de lhe darem uma função ornamental como na Europa. Observou ainda que a preparação dos remédios no Japão se fazia com uma naveta de cobre com uma roda de ferro ao contrário dos europeus que usavam o almofariz ou um gral. Por último ficamos a saber que eram os médicos japoneses que preparavam os remédios em sua casa e vendiam-nos a partir daí, mas que na Europa os remédios eram preparados pelos boticários e os pacientes teriam de aviar as prescrições na botica (Quadro 3: 5 e 16-17).

Uma última informação é-nos revelada acerca da organização do estudo médico. Fróis diz que na Europa para exercer medicina era necessário ser examinado, mas no Japão não existia essa exigência e que quem precisava de ganhar a vida dedicava-se à medicina (Quadro 3: 18). Esta observação é reveladora duma maior organização dos

estudos médicos na Europa, que se organizaram por ciclos de estudo e com respetiva examinação desde o século XIII aquando da criação das Universidades, figurando o curso de Medicina, ao lado do Direito e Teologia, como um curso conducente aos graus de Bacharel, Licenciado e Doutor. Desde a Idade Média a medicina adquiriu um estatuto intelectual, se bem que a Igreja privilegiasse mais a vivência da doença do que o seu tratamento, como forma de redenção dos pecados⁴¹. Anteriormente ao período das universidades, a medicina era ensinada nalgumas escolas catedrais ou individualmente como se dum ofício mecânico se tratasse⁴². Esta última realidade parecia ser a existente nas ilhas nipónicas no século XVI, onde o ofício de médico deveria ser aprendido individualmente com um médico mais velho. No entanto a falta de mais informações a este nível impede-nos de conhecer melhor a organização do estudo da Medicina e das atividades a ela associadas.

NOTAS FINAIS

Queremos terminar este artigo com algumas notas que nos parecem relevantes acerca do que aqui foi dito. Observar e falar detalhadamente do «outro» e do seu corpo foi uma tarefa que o padre Luís Fróis fez de forma prolixa e cabal. No século XVI, este jesuíta que missionava nas longínquas paragens do Extremo Oriente escreveu o «Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão [...]», onde comparou com detalhe as características e costumes de dois povos, duas culturas e duas civilizações tão díspares como eram a europeia e a japonesa.

O *Tratado* toca em vários aspetos das duas culturas, mas quisemos centrar as atenções apenas em dois temas centrais, por um lado nas diferenças entre homens e mulheres das diversas civilizações sob o ponto de vista da morfologia étnica, da estética, dos hábitos e costumes e por outro lado nas questões ligadas às práticas médicas.

Como era espectável, as comparações de Fróis revelam em quase todos os domínios profundas contradições entre o «nós» europeus e os «outros» japoneses. A estrutura interna do *Tratado* desenvolve-se sempre por comparação, e quase sempre em oposição. A fisionomia, os narizes e olhos, os cabelos são diferentes, mas também a maquilhagem, os acessórios, as roupas não apresentam semelhanças. Por outro lado temos os costumes, os hábitos e frequentemente a vivência da moral. Os códigos de etiqueta e as condutas sociais de homens e mulheres eram respeitados de maneira contrária: o entrar em casa, o permanecer sentado ou de pé, a confeção das refeições, a feitura dos trajes, a liberdade de homens e mulheres aparecem também de forma diferente.

Tantas diferenças culturais eram premonitórias de diferenças na forma de tratar o corpo doente. Nesta área pudemos verificar que algumas doenças comuns na Europa eram raras no Japão, quer por circunstancialismos geográficos, quer pela alimentação ou ainda por práticas de higiene mais salutaras. O tratamento de feridas fazia-se de maneira

⁴¹ LE GOFF & TRUONG, 2005: 101-102.

⁴² FERREIRA, 1990: 75-81.

diferenciada, e no caso japonês era revelador dum certo atraso tecnológico em relação à Europa, por exemplo no caso de suturas ou de extrações dentárias onde se empregavam instrumentos do quotidiano para atos cirúrgicos. No campo do ensino médico, os europeus estavam melhor organizados. Na Europa a medicina, que tinha atingido um estatuto intelectual, era ensinada em instituições universitárias onde existia um corpo docente que ensinava e examinava os novos médicos, ao contrário do Japão, onde a aprendizagem e prática da medicina tinha contornos de ofício ou mester.

Estas diferenças socioculturais registadas no século XVI são resultado duma observação atenta dum europeu, que através do seu registo contribuiu para melhor compreender os códigos sociais e culturais dos «outros» na sua alteridade. Todavia a extensão do *Tratado* vai além dos aspetos focados neste artigo. O estudo sistemático de outras matérias nele existente permitirá no futuro uma compreensão mais completa e aprofundada das diferenças entre os europeus e japoneses da época tratada.

ANEXOS

Quadro 1: Homens

N.º	EUROPEUS	JAPONESES
1	Pola maior parte os homens de Europa são altos de corpo e boa estatura;	Os Japões pola maior parte mais baxos de corpo e estatura que nós.
2	Os de Europa têm por fermosura os olhos grandes;	Os Japões os têm por horrendos, e os fermosos são fechados da parte dos lacrimais.
3	Antre nós ter os olhos brancos não se estranha;	Os Japões o têm por monstruoso, e é cousa rara entre eles.
4	Os nossos narizes são altos e alguns aquilinos;	Os seus baxos e as ventas pequenas.
5	Pola maior parte a gente da Europa tem boa cópia de barba;	Os Japões pola maior parte pouca e não bem composta.
6	A honra e primor que a gente de Europa tem posta na barba;	Os Japões a põem no cabelinho que trazem atado detrás do toutiço.
7	Os homens antre nós andam tosquiados e têm por afronta pelarem;	Os Japões se pelam com tenazes para não terem cabelos, e isso com muita dor e lágrimas.
8	Antre nós há muitos homens e mulheres sardas;	Os Japões, com serem alvos, há mui poucos que o sejam.
10	Antre nós trazer as unhas compridas se tem por sujidade e pouca criação;	Os Japões, assi homens como mulheres fidalgas, trazem algumas como de gaviões.
11	Antre nós se tem por disformidade ter uma cutilada no rosto;	Os Japões se prezam delas e como são mal curadas são ainda mais disformes.
14	Antre nós se trosquia ou rapa um homem a cabeça pera se aliviar de dores;	Os Japões a rapam por tristeza ou dó, ou por estarem fora da graça de seus senhores.
15	Antre nós rapa um barba quando se quer meter em alguma religião;	Os Japões cortam o cabelinho do toutiço em sinal que deixam as coisas do mundo.
16	Antre nós se dobram os roupões da mão direita pera a esquerda;	Os Japões dobram os quimões da esquerda pera a direita.
18	Antre nós se dobram os vestidos pera se guardarem com o direito pera dentro e o avesso pera fora;	Os Japões os dobram com o direito pera fora e o avesso pera dentro.
20	Nós fazemos a cortesia com tirar o barrete;	Os Japões a fazem com descalçar os sapatos.

N.º	EUROPEUS	JAPONESSES
29	Nós temos por descortesia não estar o servo em pé quando o senhor está assentado;	E eles por mau ensino não se assentar também o criado.
30	Nós usamos o preto por dó;	E os Japões do branco.
33	Nós em todo tempo deitamos o cuspinho fora;	Os Japões comumente engolem pera dentro.
36	Antre nós em Europa seria doudice ir um fidalgo descalço diante de um príncipe;	Os Japões têm por mau ensino ir calçados diante de quaisquer senhores que sejam.
37	Nós entramos nas casas calçados;	Em Japão é descortesia e hão-se de deixar os sapatos à porta.
38	Nós pera lavar as mãos e o rosto arregasamos os pulsos somente;	Os Japões pera o mesmo efeito se despem nus da cinta pera cima.
39	As cortesias que nós fazemos com pôr um jilho no chão;	Essa fazem os Japões com se porem de bruços com os pés e mãos e a cabeça quasi no chão.
46	Antre nós ver-se um fidalgo a um espelho se tem por obra afeminada;	Os fidalgos japões pera se vestirem têm comumente todos espelhos diante de si.
47	Antre nós vestir-se um de papel seria escárnio ou doudice;	Em Japão bonzos e muitos senhores se vestem de papel com a dianteira e mangas de seda.
48	O que antre nós é trazer roupão por casa;	Disto usam os Japões vestindo sobre as catabiras dobuqus sem mangas.
53	Antre nós a gente lava o corpo em suas casas muito escondido;	Em Japão homens e mulheres e bonzos em banhos públicos ou à noite às suas portas.
54	Antre nós pola chuva se trazem botas ou calçado comum;	Em Japão ou vão descalços ou levam chapins de pau e bordões nas mãos.
59	Em Europa seria cousa ridícula trazer o calçado até meio do pé somente;	Em Japão é primor, e o inteiro é de bonzos, mulheres e velhos.
60	Antre nós se anda com todo o pé assentado no chão;	Em Japão somente com as pontinhas sobre o calçado de meio pé.
61	Antre nós nem por Verão nem por Inverno se usa de vestidos ralos polos quais se veja o corpo.	Em Japão são polo Verão tão ralos que quasi tudo se enxerga.

Quadro 2: Mulheres

N.º	EUROPEUS	JAPONESSES
2	As d'Europa se prezam e fazem muito por ter os cabelos louros;	As Japoas os aborrecem e trabalham quando podem polos fazerem pretos.
4	As de Europa perfumam os cabelos com cheiros odoríferos;	As Japoas andam sempre fedendo ao azeite com que os untam.
5	As de Europa raramente usam de cabelos estranhos ajuntados aos seus;	As Japoas compram muitas cabeleiras que vêm de veniaga da China.
6	As de Europa usam de muitos toucados pera ornamento da cabeça;	As Japoas andam sempre em cabelo, e as fidalgas com ele solto.
7	As de Europa os atam com nastros até baxo entrançados;	As Japoas os atam com um pequeno de papel em um só lugar detrás, ou os enrolam com um fio de papel no meio da cabeça.
8	As de Europa põem beatilhas ou volantes na cabeça;	As Japoas um vataboxi de borra ou um pedaço de pano branco debaixo do manto.
9	As de Europa lavam em suas casas os cabelos e cabeça;	As Japoas em banhos públicos onde há particulares lavatórios pera o cabelo.

N.º	EUROPEUS	JAPONESES
10	As nobres de Europa trazem grandes rabos nas fraldas;	As Japoas em casa do Qubo trazem quatro ou cinco cabeleiras apegadas umas nas outras, que lhe andam arrojando três côvados por detrás polo chão.
11	As de Europa prezam-se das sobancelhas bem feitas e concertadas;	As Japoas as tiram todas com tenaz sem lhe ficar um só cabelo.
12	As de Europa põem posturas na testa pera a fazer alva;	As Japoas nobres lhe põem per festa umas pinturas de tinta preta.
13	As de Europa, em breves anos, se lhe fazem os cabelos brancos;	As Japoas são de sessenta e não têm cabelo branco polos untarem com azeite.
14	As de Europa furam as orelhas e enchem-nas de arrecadas;	As Japoas nem furam orelhas nem trazem arrecadas.
15	Nas de Europa é defeito parecerem-lhe muito as posturas e afeites do rosto;	As Japoas, quanto mais alvaide põem, tanto o têm por maior gentileza.
16	As de Europa trabalham com artefícios e confeições por fazer os dentes alvos;	As Japoas com ferro e vinagre trabalham por fazerem a boca e os dentes pretos como [carvão(?)].
21	As de Europa trazem seu cingidouro muito apertado;	As Japoas nobres tão largo que lhe anda sempre caindo.
29	Em Europa vão os homens diante e as mulheres detrás;	Em Japão os homens detrás e as mulheres diante.
34	Em Europa, o encerramento das filhas e donzelas é muito grande e rigoroso;	Em Japão as filhas vão sós por onde querem por um dia e muitos, sem ter conta com os pais.
35	As mulheres em Europa não vão fora de casa sem licença de seus maridos;	As Japoas têm liberdade de irem por onde quiserem, sem os maridos o saberem.
45	Antre nós não é muito corrente saberem as mulheres escrever;	Nas honradas de Japão se tem por abatimento as que o não sabem fazer.
46	Nas cartas que se escrevem antre nós a mulheres, se assina o home que a escreve;	Em Japão as que se escrevem a mulheres não hão-de levar sinal, nem elas em suas cartas se assinam, nem põem mês nem era.
47	Antre nós os nomes das mulheres são tomados das Santas;	Os nomes das Japoas são: tacho, grou, cágado, alparca, chá, cana.
49	As de Europa andam em silhões ou andilhas;	As de Japão cavalgam da mesma maneira que os homens.
50	Pera as mulheres se põe em cima de mulas nas andinhas umas almofadas;	Em Japão pera as mulheres honradas se põem em riba da sela do cavalo um lençol branco.
51	Em Europa ordinariamente as mulheres fazem de comer;	Em Japão o fazem os homens, e os fidalgos têm por primor i-lo fazer à cozinha.
52	Em Europa [os] homens são alfaiates;	e em Japão as mulheres.
56	As mulheres de Europa, se estão com manto, cobrem-se ainda mais pera falarem com gente;	As Japoas hão-de tirar o manto da cabeça, porque falar com ele é descortesia.
57	As fidalgas de Europa falam descobertamente com quem querem falar com elas;	As senhoras de Japão, se as pessoas não são conhecidas, falam-lhe por detrás de biobus ou esteiras.
61	As mulheres de Europa, pera caminhar desconhecidas, levam rebuço;	As de Japão quando caminham atam uma toalha na cabeça, que lhe cai ambas as pontas diante do rosto.
62	As mulheres em Europa conservam seus cabelos até à morte;	Em Japão as velhas e as que viuvam em lugar de dó e tristeza se rapam.
64	Antre nós as mulheres tomam o púcaro d'água com a mão direita e com a mesma a bebem;	As Japoas tomam o sacanzuqi do vinho com a mão esquerda e bebem-no com a direita.
65	As mulheres em Europa traçam os cabelos com fitas de seda;	As Japoas os atam por detrás em um só lugar, às vezes com um lenço muito sujo.
66	Em Europa bastará um caxão d'alvaide pera todo um reino.	Em Japão vêm muitas somas de Chinas carregadas dele e ainda não basta.

Quadro 3: Doenças

N.º	EUROPEUS	JAPONESES
1	Antre nós, dor de pedra, podagra e peste é cousa frequente;	Todas estas doenças em Japão são raras.
2	Nós usamos de sangrias;	Os Japões de botões de fogo com ervas.
3	Os homens antre nós costumam ordinariamente sangrar nos braços;	Os Japões com sambixugas ou com faca na testa e aos cavalos com lanceta.
4	Nós usamos os critéis ou seringas;	Eles por nenhum caso usam esse remédio.
5	Antre nós receitam os médicos pera as boticas;	Os médicos de Japão mandam as mezinhas de sua casa.
6	Os nossos médicos tomam o pulso a homens e a mulheres primeiro no braço direito, depois no esquerdo;	Os Japões aos homens primeiro no esquerdo e às mulheres primeiro no direito.
7	Os nossos médicos vêm as urinas pera terem mais notícia da infirmitade;	Os Japões por nenhum caso as vêm.
9	Antre nós se cosem as feridas;	Os Japões lhe põem um pouco de papel grudado.
10	Toda a cura que fazemos com panos;	Fazem os Japões com papel.
11	Antre nós queimam-se as postemas com fogo;	Os Japões antes morrerão que usar dos nossos remédios ásperos da sururgia.
12	Aos nossos doentes, se têm fastio, trabalha-se com eles pera que comam por força;	Os Japões o têm por cruzea, e se o doente tem fastio deixam-no assim morrer.
14	Em Europa se têm as galinhas e frangões por mezinha pera os doentes;	Os Japões têm isto por peçonha e, mandam-lhe dar peixe e rábão salgado.
15	Nós tiramos os dentes com boticão, alçaprema, bicos de papagaio, etc.;	Os Japões com escopro e macete ou com arco e frecha atada no dente ou com troques de ferro.
16	As nossas especiarias e mezinhas se pisam em gral ou almofariz;	Em Japão se moem em uma naveta de cobre com uma roda de ferro antre ambas as mãos.
17	Antre nós se usa das pérolas e aljofre pera ornamento das pessoas;	Em Japão não servem mais que de se moer pera fazer mezinhas.
18	Antre nós, se um médico não for examinado, tem pena e não pode curar;	Em Japão, pera ganharem a vida, quem quer usa de ser médico.
19	Antre nós adoecer um homem de uma mula sempre é cousa suja e vergonhosa.	Os japões homens e mulheres o têm por cousa corrente e nada se pejam disso.

Fonte: FRÓIS, Luís (1993) – *Europa Japão. Um diálogo Civilizacional no século XVI*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 56-65, 68-78, 132-134.

Nota: na criação dos quadros 1, 2 e 3 manteve-se a numeração de cada ponto conforme a fonte, sendo apenas transcritos os pontos necessários para a elaboração deste trabalho de acordo com os objetivos iniciais.

BIBLIOGRAFIA

- BARIÉTY, Maurice; COURY, Charles (1971) – *Histoire de la Médecine*. Paris: P.U.F.
- BOSCHI, Caio (1998) – *As Missões na África e no Oriente*. In BETHENCOURT, Francisco; CHADHURI, Kirti, dir. – *História da Expansão Portuguesa*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 403-418.
- BRAUDEL, Fernand (1989) – *Gramática das Civilizações*. Lisboa: Teorema.
- CARTAS que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549 atè o de 1580 (1997). Maia: Castoliva Editora. Edição fac-similada da edição de Évora de 1598.
- DELUMEAU, Jean (1994) – *A Civilização do Renascimento*. Vol. II. Lisboa: Editorial Estampa.
- EBISAWA, Arimichi (2015) – *Oda Nobunaga*. In «Encyclopaedia Britannica». Disponível em <<http://www.britannica.com/biography/Oda-Nobunaga>>. [Consulta realizada em 23/07/2015].
- ECO, Umberto, dir. (2005) – *História da Beleza*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- ELIAS, Norbert (1990) – *O Processo Civilizador. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FERREIRA, Francisco A. Gonçalves (1990) – *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FRÓIS, Luís (1993) – *Europa Japão. Um diálogo Civilizacional no século XVI*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- (2001) – *Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão*. Lisboa: Instituto Português do Oriente.
- JANEIRA, Armando Martins (1988) – *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- KENNETH, Henshall (2005) – *História do Japão*. Lisboa: Edições 70.
- KUWATA, Tadachika (2015) – *Toyotomi Hideyoshi*. In «Encyclopaedia Britannica». Disponível em <<http://www.britannica.com/biography/Toyotomi-Hideyoshi>>. [Consulta realizada em 23/07/2015].
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicholas (2005) – *Uma história do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema.
- NORTON, Luís (1952) – *Os Portugueses no Japão (1543-1640). Notas e Documentos*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- OLIVEIRA, Fernando (1993) – *O Vestuário Português ao Tempo da Expansão. Séculos XV e XVI*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para os Descobrimientos Portugueses.
- ORGANTINO, Gnechi-Soldo (2001) – *Dizionario Biografico degli Italiani – Volume 57*. Disponível em <http://www.treccani.it/enciclopedia/organtino-gnechi-soldo_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consulta realizada em 23/07/2015].
- PITA, João Rui (1998) – *História da Farmácia*. Coimbra: Ordem dos Farmacêuticos/Minerva.
- POIRIER, Jean, *dir.* (2003a) – *História dos Costumes*. Vol. II. Lisboa: Editorial Estampa.
- (2003b) – *História dos Costumes*. Vol. VIII. Lisboa: Editorial Estampa.
- PRAZERES, Raquel Sofia Baptista dos (2012) – *Visões do Oriente: O Budismo no Japão aos olhos de João Rodrigues Tçuzzu*. Lisboa: [s.n.]. Tese de Mestrado.
- QUÉTEL, Claude (1990) – *History of Syphilis*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- RIBEIRO, Madalena (2009) – *Samurais Cristãos: os Jesuítas e a nobreza cristã do sul do Japão no século XVI*. Lisboa: CHAM.
- (2007) – *Gaspar Vilela: Between Kyushu and the Kinai*. «Bulletin of Portuguese-Japanese Studies», vol. 15. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 9-27.
- SCHÜTTE, Hans-Wilm (2013) – *Marco Polo: Viagem ao Império do Meio*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, *dir.* (1998) – *Nova História de Portugal*. Vol. V. Lisboa: Editorial Presença.
- SOURNIA, Jean-Charles (1995) – *História da Medicina*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOURNIA, Jean-Charles; RUFFIE, Jacques (1985) – *As Epidemias na História do Homem*. Lisboa: Edições 70.
- TUBIANA, Maurice (2000) – *História da Medicina e do Pensamento Médico*. Lisboa: Teorema.

